

“O samba da morte”. O assassinato de um soldado da Força Policial no Morro da Favela (Rio de Janeiro, 1909)

Thiago Torres Medeiros da Silva¹

Resumo: Neste artigo, objetivamos confrontar as notícias de homicídios publicadas nos jornais cariocas com os processos criminais. De um lado, analisaremos como os diferentes periódicos da Capital Federal descreveram o assassinato de um soldado da Força Policial no Morro da Favela no ano de 1909. Em seguida, analisaremos como as testemunhas e acusados narraram este crime para as autoridades policiais. Por fim, buscaremos refletir sobre as diferenças entre o discurso da imprensa e o material produzido pela investigação policial.

Palavras chaves: Homicídio; Jornal; Processo criminal.

Abstract: In this article, we aim to confront the news of homicides published in Rio newspapers with criminal process. On the one hand, we will analyze how the different periodicals of the Federal Capital described the murder of a police officer on Morro da Favela in 1909. We will then analyze how the witnesses and accused reported this crime to the police authorities. Finally, we will try to reflect on the differences between the discourse of the press and the material produced by the police investigation.

Keyword: Murder; Newspaper; Criminal process.

No presente artigo, pretendemos cotejar os relatos dos homicídios expostos nas páginas dos periódicos da cidade do Rio de Janeiro com o documento produzido pela autoridade policial. Assim sendo, recorreremos à leitura do processo criminal em busca de mapearmos os contrastes e as semelhanças entre o discurso jurídico e as notícias divulgadas pelos jornais cariocas. Com este fito, optamos por analisar os impressos que noticiaram a mesma cena de sangue.

No dia 5 de Julho de 1909, a notícia do assassinato do soldado da Força Policial Isidro José dos Santos estava estampada nas páginas de quase todos os jornais da cidade do Rio de Janeiro. Ao todo, sete periódicos discorreram sobre este crime envolto por um intrincado mistério². As folhas cariocas regularmente noticiavam os homicídios ocorridos no Morro da

¹ Mestrando em História pela UFRRJ. Contato: torres_ufrj@hotmail.com.

² O samba da morte. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p.2, 05 Jul. 1909; O samba da morte. **A Imprensa**, Rio de Janeiro, p.2, 05 Jul. 1909; Mais um assassinato na Favela, **O Século**, Rio de Janeiro, p.3, 05 Jul. 1909; Os dramas da Favela. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p.2, 05 Jul. 1909; A Favela em sangue. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p.4, 05 Jul. 1909; A Favela vermelha. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p.3, 05 Jul. 1909; Uma noite da Favela, **A Notícia**, Rio de Janeiro, p.2. 06 Jul. 1909.

Favela³. Esta tendência em exibir e divulgar os crimes violentos perpetrados nesse morro tornava-se mais manifesta quando os diferentes periódicos da cidade se detinham sobre o mesmo caso de assassinato. Nesse sentido, veremos como os jornais construíram as narrativas sobre a morte do soldado Isidro.

Em especial, estes relatos apresentam um traço comum que engloba todos os periódicos. Isto é, os jornalistas, antes de narrarem os acontecimentos que desencadearam o crime, apresentavam alguns comentários sobre o Morro da Favela e sobre os seus habitantes. O repórter d'*O Paiz* iniciou a narrativa sobre o assassinato do soldado policial da seguinte maneira:

O crime de ontem no morro da Favela, deu-se quase em condições idênticas aos inúmeros que tem sido registrados pelo noticiário dos jornais ocorridos naquele famoso morro, verdadeiro campo de lutas sanguinolentas⁴.

O jornalista resgatou a fama da localidade em abrigar crimes sangrentos ao longo dos anos. Por ser essa folha considerada a mais conservadora da cidade no período, poderíamos suspeitar que o repórter estava sendo muito rigoroso no tratamento dado ao Morro da Favela. No entanto, essa opinião era compartilhada por todos os periódicos, sobretudo no que tange às matérias que retrataram o assassinato do soldado Isidro. Com isso, não existiram vozes dissonantes entre os jornais da grande imprensa. Alguns desvios somente, mas as perspectivas criadas sobre o morro claramente se equiparavam⁵.

O vespertino *A Notícia* aproveitou o acontecimento para retomar uma narrativa sobre a ocupação do morro. Segundo o jornalista, o Morro da Favela foi criado “pela emigração da escória da Saúde, da velha Misericórdia, da antiquíssima Lapa”⁶. Com isso, o repórter procurou enfatizar que desde os seus primórdios esta localidade se caracterizava por abrigar indivíduos criminosos. Vale lembrar que nesse período, final da primeira década do século XX, o estigma atrelado ao Morro da Favela havia recaído com maior intensidade para todos os bairros da região portuária (MATTOS, 2004, p.229).

³ Em pesquisa realizada na hemeroteca digital do sítio eletrônico da Biblioteca Nacional, encontramos a palavra Morro da Favella (sic.) principalmente no noticiário criminal. Entre os anos de 1900-1909, em 57% das ocorrências os periódicos da capital federal mencionaram este morro nas reportagens criminais.

⁴ O samba da morte. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p.3, 05 Jul. 1909.

⁵ Vale ressaltar que este homicídio não permaneceu por muito tempo no noticiário criminal da cidade do Rio de Janeiro. Como indicamos anteriormente, no dia seguinte ao crime, 5 de Julho de 1909, sete jornais divulgaram em suas páginas o assassinato do soldado Isidro. As últimas notícias acerca deste caso foram publicadas no dia 13 de Julho de 1909. O crime da Favela. **O Século**, Rio de Janeiro, p.3, 13 Jul. 1909; Favela em sangue. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p.5, 13 Jul. 1909; Os dramas da Favela. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p.2, 13 Jul. 1909; O samba da morte. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p.4, 13 Jul. 1909. Assim sendo, sobre este caso em específico, foram analisados doze exemplares de sete jornais da capital federal.

⁶ Uma noite da favela. **A Notícia**, Rio de Janeiro, p.2, 06 Jul. 1909.

Vemos que o periodista não mencionou que o Morro da Favela tinha aumentado o seu contingente com a chegada dos soldados que haviam participado da Guerra de Canudos. Inclusive, esse morro passou a ser conhecida como “Favela”, especialmente depois que os combatentes egressos da campanha foram residir na localidade⁷. Cabe frisar que esse morro já era povoado antes da chegada dos militares, sendo anteriormente conhecido como Morro da Providência⁸. Deste modo, no decorrer dos anos ele foi batizado de Morro da Favela. Porém, ainda que o vocábulo Favela tenha sido mais empregado, observamos que ambas as denominações eram utilizadas pela imprensa carioca na construção das manchetes do noticiário criminal.

O repórter do jornal o *Século* também iniciou o relato apontando o Morro da Favela como “coito de facínoras e terríveis desordeiros”⁹. Ele observa que tempos atrás um delegado tentou “expurgar aquele ponto dos maus elementos”¹⁰. Em vista disso, ele pediu que a prefeitura lhe auxiliasse nessa empreitada. Essa assistência, no entanto, não lhe foi prestrada “e a autoridade policial nada pôde fazer, continuando a Favela entregue aos seus perigosos habitantes”¹¹.

Assim como neste relato, os pedidos que clamavam por interferência governamental nessa região da cidade foram predominantes em diversas narrativas. Em particular, um relato se mostrou mais emblemático do que os demais. O repórter solicitou que o governo endereçasse alguns policiais para a Favela para inspecionar esse

bairro horrível, vigiando-o, cercando-o, fechando-o enfim, com dois destacamentos nas sua duas entradas de ascensão, e assim teria mais ou menos garantida a vida e a propriedade de uma boa parte da população¹².

Interessante notar o quanto a defesa de tais medidas permanecem, passado mais de um século, na ordem do dia. O jornalista desejava que a prefeitura isolasse esse morro do restante da cidade. Por conseguinte, o Morro da Favela seria convertido em uma espécie de prisão sem grades. Na verdade, nem seria necessária a prisão, pois os habitantes, segundo afirma o articulista, estariam ali por sua própria vontade.

⁷ Segundo o repórter do *Jornal do Brasil*, depois do término da campanha em Canudos, o Morro da Providência “foi crismado pelo nome de morro da Favela pelos soldados que de lá regressaram, e que, em grande parte, nele residem”. Os crimes da Favela. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p.1, 23 Nov. 1903.

⁸ “Favela”, segundo Romulo Mattos, “era o nome de um morro situado na cidade de Monte Santo, na Bahia, onde as tropas republicanas foram derrotadas pelos jagunços de Antônio Conselheiro”. MATTOS, Romulo Costa. **Pelos Pobres! As campanhas pela construção social das favelas durante a Primeira República**. Dissertação de Mestrado em História, PPGH, 2004.

⁹ Mais um assassinato na Favela. **O Século**, Rio de Janeiro, p.3, 05 Jul. 1909.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

¹² Uma noite da favela. **A Notícia**, Rio de Janeiro, p.2, 06 Jul.1909.

O *Correio da Manhã*, folha que se destacava pela suposta imparcialidade política, também divulgou esse crime em suas páginas. Como de costume, o repórter iniciou a narrativa descrevendo os perfis sociais que viviam no Morro da Favela. De acordo com o jornalista, esse era o lugar onde residia a “maior parte dos valentes da nossa terra” e por isso era o esconderijo perfeito para as pessoas “dispostas a matar, por qualquer motivo, ou, até mesmo, sem motivo algum”¹³. O repórter do jornal *A Notícia* ao comentar os aspectos gerais da Favela observou que “se escolhecesse local para o estabelecimento de um bairro horrível, onde vivesse e morresse a escória da nossa sociedade, não se encontraria melhor que a Favela”¹⁴.

A *Gazeta de Notícias* foi mais um periódico a divulgar o assassinato do policial Isidro. Não se distanciando muito dos outros impressos, o jornalista introduziu a notícia da seguinte maneira: “a fatídica Favela volta a ocupar o primeiro lugar no noticiário sensacional, que em cada uma das suas notas golpeia um jato de sangue”¹⁵. O peculiar neste relato é que ele apresenta uma linguagem mais romanceada em relação aos demais.

De acordo com repórter da *Gazeta*, em apenas um breve intervalo de tempo, cerca de alguns dias, a Favela “voltou a chamar sobre si a atividade e argúcia da polícia numa nova tragédia rubra, movimentada e asquerosa”¹⁶. Inversamente, o *Jornal do Brasil* abordou outro ponto de vista: “já tardava que o morro da Favela, o célebre reduto de facínoras e desordeiros de toda a espécie não viesse enriquecer o cadastro do crime com o seu contingente de sangue”¹⁷. O articulista ainda ressalta que esta calma causava estranheza à reportagem policial.

Assim sendo, os jornais apresentaram uma diferença mínima no modo de compor as notícias sobre o homicídio do soldado Isidro. Nestes dois fragmentos expostos acima, os relatos se distanciam somente no que tange a frequência dos crimes na Favela. A maior parte dos jornais veiculava que este morro não cessava de oferecer tragédias sangrentas. Especialmente neste caso, o *Jornal do Brasil* foi o único a destacar que a Favela andava esquecida do noticiário criminal da cidade.

No entanto, por detrás destas sutis diferenças, os jornalistas abordaram alguns motes que estiveram presentes em todas as narrativas. Em primeiro lugar, indubitavelmente, foram as contundentes críticas ao Morro da Favela e aos seus habitantes. Todos os periódicos,

¹³ Os dramas da Favela. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p.2, 05 Jul.1909.

¹⁴ Uma noite da favela. **A Notícia**, Rio de Janeiro, p.2 06 Jul.1909.

¹⁵ A Favela vermelha. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p.3, 05 Jul.1909.

¹⁶ Idem.

¹⁷ A Favela em sangue. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p.4, 05 Jul. 1909.

independente das dissensões políticas, compartilharam a perspectiva de que a Favela e seus moradores eram os principais responsáveis pelo aumento da criminalidade vivenciado na capital da recente República. Em seguida, era comum a proposição de medidas visando coibir o povoamento dessa região. Isto é, os jornalistas sustentaram, cada qual ao seu modo, algumas propostas de intervenção no Morro da Favela. Invariavelmente, todas as alternativas levantadas pretendiam expurgar esse morro da paisagem urbana carioca¹⁸.

Nesse sentido, através dos discursos correlatos, percebemos que os jornais da grande imprensa se harmonizavam quanto à maneira de compor o noticiário dos assassinatos ocorridos no Morro da Favela. Particularmente, essa característica tornou-se mais perceptível nas reportagens em que os diferentes periódicos retrataram a morte do soldado da Força Policial Isidro José dos Santos. Em um período de transição política e de construção de uma nova ordem social, vemos que os impressos objetivavam consolidar os padrões, normas e valores considerados fundamentais pelas classes dominantes.

Pormenores do conflito nas páginas impressas

Sendo assim, após refletirmos sobre as similaridades evidenciadas na forma dos repórteres representarem o morro da Favela nas “cabeças”¹⁹ e manchetes dos relatos do assassinato do praça policial, abordaremos os acontecimentos que antecederam a prática desse crime. Para recompormos estes pormenores, utilizaremos como principal fonte os jornais que descreveram a cena de sangue em que ficou mortalmente ferido o soldado Isidro José dos Santos. Posteriormente, iremos confrontar estas notícias com os depoimentos presentes no processo criminal²⁰.

De acordo com o jornal *A Imprensa*, na madrugada de sábado para domingo, dia 3 para 4 de Julho de 1909, “corria quente e animado um samba medonho” no Morro da Favela. Segundo o repórter, este samba acontecia em um casebre na parte mais alta do morro, próximo ao lugar denominado Largo da Batalha²¹. A matéria divulgada pelo *O Paiz* também

¹⁸ As afinidades encontradas nos relatos do assassinato do soldado Isidro não se restringiram somente ao modo pelo qual os repórteres iniciaram suas narrativas. Vale ressaltar que as semelhanças eram verificadas até mesmo no momento da elaboração das manchetes das notícias, uma vez que tanto o jornal *O Paiz* quanto *A Imprensa* divulgaram este homicídio apresentando o mesmo título. Os periódicos registraram esse crime com a epígrafe de “*samba da morte*”. Isso porque, como veremos adiante, o assassinato do soldado policial havia sido praticado, segundo essas reportagens, em um encontro festivo no Morro da Favela.

¹⁹ De acordo com Sidney Chalhoub, “cabeça” era definida como as considerações que precediam os relatos sobre os crimes. CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. Editora da UNICAMP, 2001, p. 27.

²⁰ Arquivo Nacional. Notação: OR. 7078. Pretoria do Rio de Janeiro 8ª (Freguesia de Santana).

²¹ O samba da morte. **A Imprensa**, Rio de Janeiro, p.2, 05 Jul.1909.

confirma esta versão ao alegar que o samba tinha ocorrido na casa de Pedro Irineu, “onde reinava grande entusiasmo”²².

Entre os convivas, alguns “tocavam violão e cavaquinho, outros cantavam, e os restantes entretinham-se a sambar e conversar”²³. Era comum que os impressos representassem os habitantes da Favela como desordeiros e vagabundos. No entanto, para o repórter d’o *Paiz*, eram muito piores aqueles que tomavam “parte nesses sambas, verdadeiras danças macabras”²⁴. Ao descrever os convidados do recinto, o jornalista ressalta que “homens, mulheres, e soldados e crianças cruzavam-se numa promiscuidade entontecedora”²⁵.

Por sua vez, o *Jornal do Brasil* informou que a morte do soldado policial tinha se dado em outro recinto. Segundo o repórter, “em um botequim manhoso ali existente realizava-se um samba, como se denominam as festas em que tomam parte a ralé da cidade”²⁶. Nestas festas, assim interpreta o periodista, são convidados os valentes do morro, pois, “em caso contrário, eles acabam com o samba, invadindo a casa e espancando as damas e cavalheiros”²⁷.

Assim sendo, nota-se que há um sensível desvio entre as notícias dos periódicos. Por um lado, vemos que *O Paiz* e *A Imprensa* relataram que o crime havia desabrochado em um casebre no Morro da Favela. Por sua vez, o *Jornal do Brasil* indicou que este crime ocorreu em um botequim na mesma localidade. Entretanto, todos foram unânimes em destacar que na noite do crime acontecia um samba no Morro da Favela, ou seja, os jornais enfatizaram a importância dessa festa para a execução do homicídio. Como vimos anteriormente, os jornalistas criticaram fortemente os sujeitos que participaram do samba, sendo inclusive sublinhada a presença de praças do Exército, do soldado policial e de alguns paisanos: “todos de conduta duvidosa”²⁸.

No decorrer da noite, “a serenata foi interrompida subitamente, degenerando a festa em grande conflito”²⁹. O policial Isidro José dos Santos começou a “discutir por motivo fútil com Elesbão Francisco, crioulo de grande estatura e compleição robusta”³⁰. Assim, como nesse relato divulgado pelo *O Paiz*, o repórter do *Jornal do Brasil* também indicou que o

²² O samba da morte. **O Paiz**, p.3, Rio de Janeiro, 05 Jul/1909.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

²⁵ Idem.

²⁶ A Favela em sangue. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p.4, 05 Jul.1909.

²⁷ Idem.

²⁸ Idem.

²⁹ O samba da morte. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p.3, 05 Jul.1909.

³⁰ Idem.

crime teve ensejo após a contenda entre Elesbão, “desordeiro conhecido” e o soldado de polícia³¹.

Por outro lado, o jornalista *d’A Imprensa* observou que o conflito resultou de uma “desavença qualquer” entre o policial e os “foliões”. Após diversas trocas de insultos e ameaças de ambas as partes, “travou-se luta renhida, ouvindo-se gritos em todos os recantos do casebre”. Esse repórter ainda nos informa que a contenda tinha se dado em desigualdade numérica, uma vez que todos os “desordeiros” que estavam no local investiram contra o policial, cada qual empunhando sua arma³². Vale notar que os “desordeiros” apontados nessa matéria eram os soldados do Exército que tomaram parte ativa na luta travada entre Elesbão e o praça de polícia.

Nesse sentido, vemos que os jornais descreveram os soldados rasos como sendo turbulentos e perigosos. Isso porque os indivíduos que interferiram no conflito eram, em sua grande maioria, oriundos das classes armadas. Logo após o início da discussão entre Elesbão e o policial Isidro, esses militares correram em auxílio daquele indivíduo. O praça de polícia quando se viu cercado por esse grupo “lançou mão do revólver que trazia oculto na blusa e zás! Disparou-o. Ouviu-se a detonação do tiro, indo o projétil alojar-se nas costelas do lado esquerdo de Manoel Domingos Sant’Anna”³³.

Este último trabalhava na estiva e também figurou entre os convidados do “terrível samba”³⁴. Segundo percebemos nos relatos dos impressos, Manoel Sant’Anna era um dos indivíduos que perseguiram o policial na ocasião em que o conflito com Elesbão havia recrudescido. O grupo que encurralou Isidro não se intimidou com o disparo que vitimou Manoel Sant’Anna. Longe disso, o procedimento do policial excitou o ânimo do grupo, sendo necessário que o soldado disparasse mais uma vez a sua arma. No entanto, dessa vez não acertou nenhum dos indivíduos.

Isso foi o bastante para que o grupo atacasse e dominasse o policial que caiu “a estrebuchar ferido com uma navalhada no ventre, cuja dimensão e profundidade, foram tais, que lhe puseram os intestinos de fora”³⁵. Depois de muitas horas, já pela madrugada, a polícia tomou conhecimento do crime e encontrou o soldado, nos fundos da casa de Manoel Botelho

³¹ A Favela em sangue. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p.4, 05 Jul.1909.

³² O samba da morte. **A Imprensa**, Rio de Janeiro, p.2, 05 Jul.1909.

³³ O samba da morte. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p.3, 05 Jul.1909.

³⁴ *Idem*.

³⁵ *Idem*.

da Silva, com a farda ensanguentada e arquejando de “dores horríveis, com os intestinos à mostra”³⁶.

A vítima foi levada de ambulância para o hospital do quartel da Polícia, mas não resistiu aos graves ferimentos recebidos. No entanto, pouco antes de falecer, o soldado Isidro, ao ser questionado por alguns indivíduos, disse, com extrema dificuldade, que o seu agressor era um soldado do Exército, entretanto, a identidade do acusado não pôde ser revelada. Por sua vez, Manoel Domingos Sant’Anna foi levado em “estado melindroso” para o Hospital da Misericórdia, onde permaneceu internado por mais algum tempo.

Em linhas gerais, foi desse modo que os diferentes periódicos da cidade retrataram os acontecimentos que desencadearam o assassinato do policial Isidro. Apesar das nuances encontradas, um traço em especial une essas narrativas. Isto é, todos os jornais sublinharam que na noite do crime ocorria um samba no Morro da Favela. Dessa maneira, percebemos que em todas essas matérias, os repórteres das folhas buscaram realçar a importância do samba para a execução do homicídio. A título de exemplo, o noticiário do *Paiz* observou que “como tem acontecido em muitas das outras vezes, teve *origem em um samba*, onde reinava grande entusiasmo”³⁷.

Inquérito policial: depoimentos e o relatório do delegado

A partir deste momento, após construirmos uma breve exposição dos acontecimentos que desabrocharam no crime e que foram mencionados nas reportagens dos jornais, analisaremos os testemunhos presentes no processo criminal. Com isso, averiguaremos como os protagonistas e espectadores do homicídio descreveram os pormenores da cena de sangue para as autoridades policiais³⁸. Ao todo, vinte duas pessoas depuseram no inquérito policial, sendo dezenove testemunhas e três acusados. Importante salientar que alguns depoentes estiveram envolvidos diretamente no desenlace do conflito.

Por conseguinte, vemos que um número expressivo de testemunhas prestou depoimento no inquérito policial instaurado pela delegacia de Santana. Vale ressaltar que esse quantitativo não era comum se formos compará-lo com os outros processos consultados.

³⁶ Idem.

³⁷ Idem. Grifos nossos.

³⁸ Em geral, os processos criminais são divididos em duas etapas. A primeira fase abarca os depoimentos prestados pelas testemunhas e o(s) acusado(s) na delegacia. Por sua vez, a segunda fase abarca os depoimentos prestados pelas testemunhas e o(s) acusado(s) na pretoria. Em particular, o processo baseado no assassinato do policial Isidro termina ainda na primeira fase, ou seja, quando ele era somente elaborado pela instância policial. Na verdade, percebemos que os processos criminais de homicídios custodiados pelo Arquivo Nacional raramente alcançaram o veredito final. Não sabemos o motivo, mas a maioria dos processos foi encerrada antes mesmo de ser remetida para a pretoria. Importante salientar, essa assertiva diz respeito aos processos criminais referentes à 8ª Pretoria – Freguesia de Santana.

Dessa forma, privilegiaremos destacar os fragmentos mais interessantes, sobretudo as partes que dialogam diretamente com as matérias divulgadas pelos jornais da grande imprensa.

Assim sendo iniciaremos com a exposição das declarações feitas pelas primeiras testemunhas do inquérito. O delegado do 8º Distrito Policial, Raul de Magalhães se encaminhou, acompanhado do escrivão daquela delegacia, para o Hospital da Misericórdia. A autoridade policial pretendia inquirir Manoel Domingos Sant'Anna. Brasileiro, 27 anos, trabalhador, preto e morador do Morro da Favela, Manoel Sant'Anna, como vimos nos relatos dos impressos, tinha sido atingido por um dos disparos feitos pelo praça de polícia na madrugada do crime.

Ao que tudo indica, sem perda de tempo, logo pela manhã, o delegado de Santana ouviu as considerações desse indivíduo em uma das enfermarias do Hospital da Misericórdia. Manoel Domingos Sant'Anna declarou que da meia noite para uma hora da madrugada, estando na casa do marinheiro Pedro Irineu,

ouvindo cantar modinhas ao sair viu que havia grande conflito entre praças do Exército, de polícia e populares, no mesmo Morro da Favela, sendo ele declarante foi atingido por um tiro de revólver na altura da nona costela, não conhecendo nem sabendo quem o feriu e muito menos a causa do conflito³⁹.

Vemos que Manoel Sant'Anna pouco revelou sobre os pormenores da cena de sangue. Ele somente mencionou que na noite do crime esteve na casa de Pedro Irineu “ouvindo cantar modinhas”. Segundo a testemunha, foi exatamente quando ele se retirou desse recinto que principiou o conflito entre os soldados do Exército e o de Polícia. Contudo, ele não soube, ou provavelmente não quis, explicar o que motivou o desenlace da contenda.

Em todo o caso, através do seu testemunho, vemos que na noite do crime havia um encontro festivo em uma residência no Morro da Favela, pois Manoel Sant'Anna estivera nesse ambiente “ouvindo cantar modinhas”. No entanto, observamos que o crime não ocorreu na casa de Pedro Irineu, uma vez que a testemunha foi atingida pelo disparo somente depois de sair desse local. Assim sendo, o conflito teria ocorrido nas proximidades dessa residência.

Nesse sentido, ao compararmos o depoimento de Manoel Sant'Anna com as matérias divulgadas pelos jornais, uma divergência salta aos olhos. Isso porque os impressos cariocas relataram que o crime teve como cenário um samba ocorrido na casa – ou botequim – de Pedro Irineu no Morro da Favela. Por sua vez, Manoel Sant'Anna ressaltou que o homicídio do policial não teve ensejo nesse ambiente, mas nas suas imediações. Esse é um mote que será sublinhado ao longo da apreciação dos depoimentos, ou seja, iremos, sempre que for

³⁹ Arquivo Nacional. Notação: OR. 7078. Pretoria do Rio de Janeiro 8ª (Freguesia de Santana), f. 2-3.

necessário, resgatar as representações construídas pela imprensa em contraste com os testemunhos presentes no inquérito policial.

Outra testemunha, João Epifânio, 29 anos, brasileiro, estivador, disse que por volta de oito horas e meia da noite, entrou na venda de Campos e avistou um grupo jogando cartas, sendo que a testemunha reconheceu as seguintes pessoas: Elesbão, Manoel Sant'Anna, Argemiro, Manoel Nogueira, José Naval e o soldado Isidro⁴⁰.

Neste local, João Epifânio presenciou uma acalorada discussão entre Elesbão e o praça policial. Segundo essa testemunha, o desentendimento surgiu em decorrência de “uma parada de dois mil réis”⁴¹, ou seja, uma aposta que não foi paga por uma das partes envolvidas. Em seu depoimento, o estivador José Felisberto Ribeiro, casado, 24 anos, disse que também passou pelo botequim de Campos, onde “estavam jogando dois soldados de Polícia” juntamente com alguns soldados do Exército. A testemunha residia na Favela e conhecia de vista um desses policiais – o soldado Isidro. Mais tarde, estando na frente da sua casa, José Felisberto viu passar por ali os seguintes indivíduos: Elesbão, Argemiro e José Naval. Então, o depoente, nessa ocasião

perguntou se eles não iam ao baile na casa de Pedro Irineu ao que retrucaram que não, mas sim que iam à casa de Campos, que ele testemunha dirigindo-se à casa de Pedro Irineu, cerca de meia noite, viu descer um soldado de polícia que conhece de vista e agora sabe chamar-se Isidro José dos Santos⁴².

Vemos que José Felisberto assegurou que os agressores do policial não participaram da festa na casa de Pedro Irineu, uma vez que eles permaneceram na venda de Antônio Campos. Sendo assim, esse grupo teria retornado ao local em que irrompeu o primeiro desentendimento entre Elesbão e Isidro. Essa testemunha foi a primeira a narrar os pormenores do desenlace do conflito. Pouco tempo depois de ter visto o soldado descendo o Morro da Favela, José Felisberto declarou que atrás dele vinham Elesbão Francisco, Argemiro Teixeira e Manoel Domingos Sant'Anna.

Em seguida viu os três aproximarem-se do referido soldado e ouviu Elesbão Francisco dirigindo-se ao soldado dizer: “é melhor que você vá embora, dando-lhe em seguida um empurrão”; que o soldado recuando puxou um revólver e detonou um tiro; que em seguida Elesbão e outras correram para o soldado atacando-se aquele que atirou por terra o praça vendo que esta ficou por baixo de Elesbão conseguindo o mesmo praça dar mais dois tiros, fazendo com isso os agressores deixá-lo livre; que nessa ocasião correram para ali reforçando a luta em auxílio de Elesbão um soldado conhecido por José Naval e o do exército Nogueira e aí todos agarraram Isidro jogando-o por terra e rolarem caindo em uma ribanceira; que nas lutas travadas foi sempre Elesbão a figura principal e quando o soldado Isidro deu o segundo tiro viu afastar-se da luta ferido Manoel Domingos Sant'Anna; que só pode

⁴⁰ Ibidem, f.16-17.

⁴¹ Ibidem, f.17.

⁴² Ibidem, f.18-19.

atribuir o ferimento mortal que recebeu o soldado Isidro, a Elesbão visto como viu montado no citado praça⁴³.

A testemunha narrou uma grande variedade de minúcias para a autoridade policial, tornando-se uma peça importante no inquérito instaurado pela delegacia. Isso porque o depoente presenciou os dois principais episódios que desencadearam o homicídio: assistiu a discussão entre Elesbão e Isidro no botequim de Campos e acompanhou os passos dos protagonistas até o seu epílogo.

Arthur Travessa, brasileiro, 26 anos, carpinteiro, solteiro, foi mais uma testemunha a depor no inquérito policial. Travessa morava na Favela e disse que estava “expiando uma brincadeira em casa de Pedro Irineu”⁴⁴. Ao que tudo indica, Arthur se colocou nas proximidades dessa residência, pois ele afirmou que somente observava a festa. Nessa ocasião, a testemunha viu descer a vítima e os acusados supracitados - Elesbão, Argemiro e Manoel Sant’Anna. Inclusive, em sua fala, Arthur destacou que o policial aparentava estar embriagado. Os demais pontos abordados por essa testemunha pouco se distanciam do depoimento prestado por José Felisberto. Logo, Arthur Travessa também acompanhou *in loco* a execução do crime.

O depoimento de Pedro Irineu é imprescindível para confrontação do inquérito policial com as reportagens divulgadas pelos jornais cariocas. Deste modo, vale a pena recuperarmos, em quase toda a sua extensão, a declaração prestada por essa testemunha. Pedro Irineu era cozinheiro da marinha e tinha 45 anos. Ele disse que estava na sua residência,

em companhia de sua mulher Noêmia Maria da Conceição, Aristeu Rosa Modesto, marinheiro de terceira classe, embarcado a bordo do vapor (?) Andrade, um soldado do Exército, que sabe chamar-se Manoel Nogueira, do quarto batalhão de infantaria do exército, quando ele depoente ouviu a detonação de três tiros de revólver, ao que disse a seus companheiros, ninguém sai daqui, sendo que no lugar denominado Pedra Lisa havia grande conflito, fechou a porta; que terminando o conflito ele depoente saiu a porta, e aproximou-se dele depoente, um indivíduo de cor preta que agora sabe chamar-se Elesbão, o qual lhe pediu um pouco d’água, declarando estar ferido, ao que ele depoente recusando a atender o pedido da água, não deixando Elesbão entrar em sua casa; que ele depoente nessa ocasião, viu que o paletó que Elesbão trazia vestido, achava-se ensanguentado e cheio de lama⁴⁵.

Esse depoimento é fundamental para avaliarmos as congruências e diferenças evidenciadas entre o discurso dos jornais e o documento produzido pela autoridade policial. Note-se que em seu depoimento, Pedro Irineu não mencionou se houve realmente um “samba” em sua casa na noite do crime. Muito pelo contrário, a testemunha apenas afirmou

⁴³ Ibidem, f.19.

⁴⁴ Arquivo Nacional. Notação: OR. 7078. Pretoria do Rio de Janeiro 8ª (Freguesia de Santana), f.21.

⁴⁵ Ibidem, f.24-25.

que esteve em sua residência na companhia de mais três pessoas – sua esposa Noêmia, o marinheiro Aristeu Rosa Modesto e soldado do Exército Nogueira.

Além disso, Pedro Irineu afirmou que os tiros foram desfechados em uma localidade popularmente conhecida por Pedra Lisa. Em contrapartida, se formos levar em consideração os impressos cariocas, o conflito tinha ocorrido na casa dessa testemunha. Por conseguinte, há um nítido desencontro entre esses discursos. Nosso objetivo não consiste em apontar qual documento apresenta a verdade sobre os fatos. Em outras palavras, não é nosso interesse esboçar uma hierarquia entre as nossas principais fontes de pesquisa. Nosso fito é tão somente avaliar as nuances inerentes a cada um desses documentos históricos.

Ao visualizarmos em conjunto essas declarações, observamos algumas discrepâncias intrigantes. Dito isto, não devemos enxergar os depoimentos como verdades absolutas. De qualquer forma, o momento é propício para mais uma vez cotejarmos o inquérito policial com as reportagens das folhas da cidade do Rio.

Nesse sentido, ao englobarmos os depoimentos prestados por essas testemunhas, localizamos uma correspondência entre as diversas falas desses informantes. Os indivíduos, especialmente os que depuseram até essa data, observaram que o crime ocorreu em uma microrregião da Favela conhecida como Pedra Lisa, localidade situada nas imediações da residência de Irineu. Apesar disso, os jornais destacaram em suas matérias que o assassinato teve ensejo na casa da testemunha. Em seu depoimento, Pedro Irineu disse que foi informado pela madrugada, quando se dirigia para o serviço, que o conflito teve origem no Largo da Batalha e que um policial tinha sido assassinado. Logo, podemos inferir que esse crime não teria ocorrido na casa da testemunha, uma vez que ela não tinha ciência dos desdobramentos da contenda.

Cabe frisar que as declarações prestadas pelas testemunhas apresentam inúmeras incongruências, sendo penoso recuperarmos todas as desconexões localizadas. Em relação a esse mote, Sidney Chalhoub adverte que não é possível, quando temos o processo criminal como fonte histórica, descobrirmos como cada conflito “realmente se passou”. Segundo Chalhoub, mais profícuo seria “tentar compreender como se produzem e se explicam as diferentes versões que os diversos agentes sociais envolvidos apresentam em cada caso” (CHALHOUB, 2001, p.40).

Assim sendo, embora os depoimentos do processo criminal sejam diferentes em vários aspectos, algumas similaridades foram visualizadas. Seguindo a proposta metodológica de Chalhoub, busco estar atento às versões que se repetem. Logo, percebe-se que as testemunhas, em contraposição aos jornais, destacaram que o crime não teve como cenário um samba na

casa de Pedro Irineu. Apesar das contradições aparecerem com certa frequência, ao englobarmos todas as declarações, não obtemos bases significativas para afirmarmos que o assassinato ocorreu na casa de Pedro Irineu.

É significativo que grande parte das testemunhas que depuseram no inquérito seja agente de segurança pública. As declarações desses indivíduos nos permite vislumbrar o modo de vida dos policiais e militares residentes no Morro da Favela. Ao se reportar aos acontecimentos que desabrocharam no crime, esses indivíduos acabaram mencionando algumas particularidades do seu cotidiano. No dia 09 de Julho de 1909, Euclides Gomes foi interrogado pelo delegado de Santana. Esse praça tinha 23 anos de idade e morava no quartel da sua corporação. Na data do crime, Euclides disse que tinha ido ao “Morro da Favela para pagar uma conta a sua lavadeira”⁴⁶. Em seguida, a testemunha passou pelo botequim de Campos e presenciou uma “forte e animada discussão entre o crioulo Elesbão e o praça Isidro José dos Santos”. Pretendendo evitar que esses indivíduos se agredissem, o policial Euclides interveio na disputa. Após o apaziguamento do conflito, a testemunha observou que “Elesbão foi colocar-se na porta da casa de Pedro Irineu onde havia um baile continuando o praça Isidro no botequim de Campos a jogar”.

Notam-se algumas características interessantes no depoimento dessa testemunha. Em primeiro lugar, a declaração prestada por esse policial nos permite acessar a rotina das classes menos favorecidas, sobretudo o modo de vida dos agentes de segurança pública. Por ser um homem solteiro, Euclides Gomes necessitava recorrer ao serviço das lavadeiras de roupa. Segundo declarou, esse praça policial foi ao morro para efetuar o pagamento dos ordenados da sua lavadeira. Além disso, percebemos que havia inúmeros policiais e militares jogando cartas no botequim de Campos. Por conseguinte, podemos inferir que o jogo e a bebida eram umas das principais distrações dos agentes que habitavam o Morro da Favela. Vale ressaltar que o crime teve ensejo em um sábado, ou seja, um dia propício para o divertimento das camadas populares.

Em 10 de julho de 1909 o delegado Raul de Magalhães inquiriu uma única testemunha. Porém, esse depoimento põe em relevo importantes considerações sobre o desenrolar do crime. Saturnino José Luiz, trabalhador braçal, 41 anos, foi mais um morador da Favela a depor na sede da delegacia. Por volta das 10 horas da manhã do dia do crime, a testemunha estava descendo o morro para fazer compras,

quando encontrou com o praça de polícia Isidro José dos Santos com quem mantinha relações de amizade e lhe perguntou o que ia fazer, respondendo-lhe o

⁴⁶ Ibidem, f.40.

mesmo praça que estava passeando e aí despediram-se; que ele testemunha ao regressar para a sua casa entrou no botequim de Campos e aí viu que o citado praça estava jogando com outros indivíduos entre eles Campos, um praça do exército pardo claro, cujo nome não sabe, estando a testemunha assistindo ao jogo durante duas horas mais ou menos retirando depois para a sua casa; que a tarde saindo encontrou ainda a jogatina com outros indivíduos cujos nomes ignoram tendo visto por volta das sete horas e meia da noite junto ao botequim o crioulo Elesbão, Argemiro e Manoel Domingos Sant'Anna e notou que ele conversava baixinho, tanto assim que a testemunha perguntou a eles o que faziam ali; respondendo-lhe Argemiro que achava bom que a testemunha se retirasse e notando que Manoel Domingos de Sant'Anna estava um pouco zangado a testemunha lhe perguntou o que ele tinha, e teve como resposta que ainda não tinha jantado e que hoje queria jantar sangue; que ele testemunha a vista disso retirou-se para a sua casa, sabendo depois que Elesbão entrou depois na jogatina e teve uma questão forte com o praça Isidro por causa de uma parada que este praça tinha ganho e ele não queria pagar; que alta noite ouviu de sua casa tiros de revólver e disse a sua companheira: aquilo com certeza é no botequim do Campos, aonde havia grande jogatina ⁴⁷.

A testemunha traçou os primeiros passos do soldado Isidro no Morro da Favela. Como podemos verificar nas informações concedidas por esse morador, o policial assassinado mantinha relações de amizade com alguns habitantes do morro. Inclusive, o soldado Isidro chegou a declarar para o depoente que tinha ido até lá para passear. Logo, podemos concluir que os policiais de baixa patente circulavam com certa frequência pelos territórios ocupados pelas camadas populares da cidade do Rio de Janeiro. Por um longo período, a historiografia brasileira considerou o aparato policial como sendo o braço armado da classe dominante. Em outras palavras, os policiais seriam apenas um instrumento de poder a serviço dos grandes proprietários e dos seus interesses políticos, econômicos, sociais e culturais. Deste modo, este tipo de análise não levava em consideração a especificidade de cada um dos agentes que integrava a corporação⁴⁸.

No entanto, quando reduzimos a escala de análise ao nível do indivíduo, percebemos que os policiais de baixa patente apresentavam hábitos e costumes em maior conformidade com as camadas populares do que em relação às classes abastadas. Mesmo que esses indivíduos tenham se transfigurado em agentes de segurança pública, eles continuavam sendo oriundos dos setores menos favorecidos da capital federal. No que tange ao soldado Isidro, assim como havia sido feito por outras testemunhas, Saturnino Luiz indicou que o policial permaneceu grande parte do dia jogando cartas e bebendo na venda de Campos no Morro da Favela. A testemunha esteve no local em diferentes turnos, sendo destacada a presença do

⁴⁷ Ibidem, f.44-45.

⁴⁸ Sobre o exercício cotidiano da atividade policial, ver BRETAS, Marcos Luiz. **A guerra das ruas. Povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Arquivo Nacional – Ministério da Justiça, 1997; BRETAS, Marcos Luiz. **Ordem na cidade. O exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro. 1997-1930**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

praça policial em todas as vezes. Alguns participantes foram abandonando a jogatina no decorrer do dia, porém o soldado Isidro continuou por todo esse período.

Em síntese, as testemunhas denunciaram diversos indivíduos como os principais responsáveis pela prática do homicídio. Nesse sentido, vale a pena recapitularmos as versões mais difundidas pelas testemunhas. De um modo geral, o único indivíduo que foi mencionado como autor do crime pela grande maioria das testemunhas foi Elesbão Francisco. Em outras versões os depoentes acrescentaram a cumplicidade dos demais indivíduos, sobretudo de Argemiro, Manoel Sant'Anna e Manoel Nogueira. Ainda, vale salientar que alguns depoentes inseriram José Naval no grupo que agrediu e assassinou o policial na Favela.

Ao mesmo tempo em que a culpa recaiu para esse grupo, algumas incoerências e imprecisões foram visualizadas durante a apreciação dos depoimentos. Diante de tantos questionamentos, o delegado de Santana intimou novas testemunhas. Acreditamos que as diferentes versões sobre o homicídio contribuíram para que o inquérito ostentasse uma quantidade expressiva de testemunhas. Raul de Magalhães devia estar intrigado com as declarações desconexas dos indivíduos que presenciaram o assassinato.

Seja como for, para os moradores da Favela que depuseram no inquérito policial, a jogatina no botequim de Campos foi o principal móvel do homicídio, sobretudo se comparado com o baile na casa de Pedro Irineu. Nesse sentido, vale a pena visualizarmos como o proprietário do botequim relembrou os acontecimentos que motivaram o conflito.

Antônio Campos dos Santos, 38 anos, brasileiro, comerciante, declarou que o policial assassinado era seu amigo e que no dia do crime, por volta das onze horas da manhã, ele tinha aparecido no seu estabelecimento. Mais uma vez, é importante salientarmos a proximidade evidenciada entre os policiais de baixa patente e os moradores da Favela. Essa não foi a primeira testemunha a assumir publicamente que conhecia o soldado Isidro. Por conseguinte, obtemos valiosos indícios para afirmar que esse policial frequentava o botequim de Campos no Morro da Favela.

Poderíamos suspeitar que Antônio Campos fosse oferecer informações atualizadas sobre o desenlace do crime, uma vez que ele era o proprietário do botequim onde ocorreu o desentendimento entre praças do Exército, da Polícia e populares. No entanto, essa testemunha disse que estava doente e com muita febre, sendo por isso necessário se recolher à sua residência com o propósito de “medicar-se e não saiu mais de casa essa tarde e noite”⁴⁹. Com isso, acreditamos que Antônio Campos procurou se esquivar de revelar os detalhes sobre

⁴⁹ Ibidem, f.53.

o desenvolvimento do conflito. Ao analisarmos os processos criminais custodiados pelo Arquivo Nacional e pelo Arquivo do Museu da Justiça, percebemos que as testemunhas tinham certa relutância em delatarem os envolvidos e também de prestarem os seus depoimentos nas delegacias e pretorias. Frequentemente as testemunhas desapareciam durante o transcorrer da ação penal. Nessas ocasiões, a autoridade policial e/ou judiciária necessitava intimar outras pessoas para substituírem as que não foram localizadas.

O argumento sustentado pelo dono do estabelecimento em que se deu o conflito era no mínimo questionável. Antônio Campos disse que se ausentou do botequim em virtude do seu estado de saúde. Porém, outra testemunha já havia apontado a sua participação na jogatina. Mesmo que Antônio Campos não tenha tomado parte no jogo de cartas, ele era o proprietário do botequim, ou seja, a sua presença deveria ser imprescindível. Portanto, era mais provável que essa testemunha estivesse ocultando algum detalhe sobre o crime.

Dessa forma, as declarações prestadas pelo dono do botequim são supostamente baseadas naquilo que ele ouviu dizer. Em outras palavras, Antônio Campos narrou somente as informações que ganharam repercussão no cotidiano do Morro da Favela. Por volta das duas horas da madrugada, estando recolhido em sua residência, essa testemunha foi comunicada sobre o conflito e que o comissário de plantão havia exigido a sua presença na delegacia. Em resposta à solicitação feita pelo comissário, Antônio Campos, “apesar de doente”, compareceu ao distrito policial.

Nesse local, o depoente tomou conhecimento dos pormenores do crime. Importante salientar que o depoimento de Antônio Campos não foi registrado no dia subsequente ao crime. Assim como o acusado Elesbão, essa testemunha foi inquirida somente no dia 16 de julho de 1909, ou seja, depois de quase duas semanas do assassinato do policial. Em virtude disso, os assuntos narrados pelo dono do botequim já haviam sido destacados pelas testemunhas antecessoras.

Em síntese, Campos disse que ficou sabendo que a vítima foi agredida nas proximidades da casa de Pedro Irineu pelos respectivos indivíduos: Elesbão, Argemiro, Manoel Sant’Anna e Manoel Nogueira. No entanto, essa testemunha “ouviu dizer por várias pessoas” que o autor do ferimento tinha sido Elesbão Francisco. Por fim, Antônio Campos soube que todos esses indivíduos estiveram jogando no seu botequim, onde houve um desentendimento entre Elesbão e o policial Isidro, “por haver este ganho uma parada e Elesbão negar-se ao pagamento”⁵⁰. Vemos que a testemunha assegurou não ter presenciado

⁵⁰ Ibidem, f.54.

nenhum distúrbio em seu estabelecimento, uma vez que ela precisou se ausentar por motivo de saúde. Logo, podemos concluir que o botequim necessitou ficar sob a responsabilidade de algum empregado ou pessoa de confiança da testemunha. Conseqüentemente, a autoridade policial deveria intimar esse indivíduo para depor no inquérito.

Em seu depoimento, o proprietário do botequim informou que Argemiro Teixeira tinha desaparecido da Favela desde a madrugada do crime. Esse acusado nunca foi encontrado, apesar das diligências efetuadas pela delegacia. Além disso, o indivíduo conhecido por José Naval, outro suspeito de pertencer ao grupo que agrediu o soldado Isidro, também não foi localizado pela autoridade policial. Deste modo, somente três acusados foram interrogados no inquérito, ou seja, Manoel Sant'Anna, Elesbão e Manoel Nogueira.

Como já observamos anteriormente, Elesbão Francisco era o principal suspeito de desfechar o golpe de navalha que assassinou o policial Isidro. Tanto os jornais quanto as testemunhas que presenciaram o conflito já haviam destacado o seu protagonismo neste crime. No dia 16 de julho de 1909, após o interrogatório do proprietário do botequim, Elesbão foi ouvido pelo delegado Raul de Magalhães. Com o fito de evidenciarmos a maneira encontrada pelo acusado para explicar o conflito, optamos por selecionar grande parte de seu depoimento.

Elesbão Francisco, 18 anos, solteiro, trabalhador braçal⁵¹ e residente na Ladeira do Castro, disse que:

na tarde de três do corrente recebeu o seu ordenado de trabalhador do café no escritório da Companhia Leopoldina na importância de vinte dois mil réis, e depois de pagar algumas contas dirigiu-se para o Morro da Favela, onde também foi pagar algumas contas de dois mil e tantos a José da Barra; que sendo dez horas e tanto da noite quando entrou no botequim de Campos onde diversas pessoas estavam jogando; que convidado a jogar tomou parte no jogo e fazendo uma parada com um praça de polícia a qual já estava jogando e que agora sabe chamar-se Isidro José dos Santos, esta perdeu e disse ao depoente: “pode tirar do meu dinheiro”, ao que respondeu o depoente: “no seu dinheiro não toco”, o que levou o praça a injuriar ao depoente que retirou-se e entrou na casa de Pedro Irineu onde pediu dois vinténs de parati, e aparecendo Manoel Domingos Sant'Anna disse para o depoente: “então eu não bebo? Respondendo o depoente: peça que eu pago a parati e ao voltar-se para sair encontrou o praça a qual ele depoente disse: “camarada você vá embora porque eu já fui maltratado por si e eu não quero brigar”; que dando esse praça alguns passos puxou de um revólver e detonou três tiros um dos quais foi ferir a Manoel Domingos de Sant'Anna que saía da casa de Pedro Irineu e caiu ferido alguns passos adiante⁵².

Podemos observar que o principal acusado do assassinato mencionou as principais etapas do conflito. No entanto, Elesbão oferece uma narrativa que se distancia dos

⁵¹ Nas reportagens divulgadas pelos jornais da grande imprensa Elesbão Francisco foi qualificado como estivador. A título de exemplificação ver: O Samba da Morte. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p.4, 13 Jul.1909.

⁵² Arquivo Nacional. Notação: OR. 7078. Pretoria do Rio de Janeiro 8ª (Freguesia de Santana), f.55-56.

depoimentos prestados pelos espectadores do homicídio. Em primeiro lugar, Elesbão disse que tinha recebido o seu pagamento no dia do crime, sendo este o motivo do seu comparecimento ao Morro da Favela, uma vez que ele necessitava quitar algumas dívidas contraídas.

Além disso, vemos que Elesbão fez questão de ressaltar que havia recebido o seu ordenado no dia do crime. Essa afirmativa não se apresentou despretensiosamente, pois acreditamos que o acusado quis refutar o argumento das testemunhas. Elesbão construiu sua narrativa buscando contrapor as declarações dos espectadores da jogatina. Mais precisamente, em sua versão, Elesbão descreveu esse episódio invertendo os papéis, uma vez que ele disse que foi o soldado policial que não efetuou o pagamento da “parada” combinada.

Depois do desentendimento com Isidro na venda de Campos, Elesbão Francisco declarou que entrou na casa de Pedro Irineu. Nessa parte percebemos uma contradição entre o depoimento do acusado e o das testemunhas. Elesbão disse que esteve nessa residência tomando aguardente em companhia de Manoel Sant’Anna. Por conseguinte, a casa de Pedro Irineu foi descrita pelo acusado de modo semelhante a um estabelecimento comercial⁵³. Entretanto, diversas pessoas que depuseram no inquérito afirmaram que esses indivíduos não participaram da reunião na casa de Pedro Irineu. Inclusive, à exceção de Sant’Anna, nenhum depoente informou esse dado trazido pelo acusado.

Mesmo diante das incongruências apresentadas, conseguimos visualizar algumas similaridades entre o depoimento do acusado e o das testemunhas. Ambas as narrativas abordaram os dois principais momentos do conflito. Em primeiro lugar, o desentendimento entre Elesbão e Isidro na venda de Campos. Embora o acusado tenha narrado os pormenores de maneira distinta dos espectadores da jogatina, todos citaram que houve uma discussão no decorrer da partida. Por último, todos os depoentes, incluindo o acusado, abordaram o confronto dos protagonistas nas proximidades da casa de Pedro Irineu. Elesbão declarou que esteve presente nessa residência, mas os outros convidados não confirmaram sua versão.

Vale ressaltar que não pretendemos optar por uma dessas versões levantadas, pois nosso principal objetivo consiste em visualizar as diferenças e similaridades entre as reportagens dos impressos cariocas e o material produzido pela Polícia. Entretanto, devemos dialogar com as contradições evidenciadas nas declarações dos indivíduos que depuseram no

⁵³ Importante salientar que alguns jornais da grande imprensa tinham afirmado que a casa de Pedro Irineu era um botequim. A título de exemplificação ver: A Favela em Sangue. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p.4, 05 Jul.1909.

inquérito policial. De um modo geral, percebemos que a versão de Elesbão foi a que mais se afastou dos depoimentos coligidos pelo delegado.

Não sabemos os reais motivos que impossibilitaram o delegado de interrogar Elesbão nos dias subsequentes ao crime, embora o acusado tenha sido detido na madrugada do crime, somente depois de doze dias ele foi inquirido no distrito policial. Seja como for, percebemos que as declarações prestadas pelo acusado se distanciam dos demais testemunhos do inquérito policial.

O delegado Raul de Magalhães ainda esperou três meses para concluir a fase inquisitorial dessa ação penal. Isso porque esta autoridade objetivava colher o depoimento dos demais participantes do conflito. No entanto, esses indivíduos permaneceram distantes do alcance da Polícia. Consequentemente, o delegado necessitava enviar o relatório e remeter os autos processuais para a pretoria de Santana.

No dia 30 de Novembro de 1909, cerca de quatro meses depois do assassinato, o delegado Raul de Magalhães anexou o seu relatório no inquérito policial. Devido ao grande número de testemunhas presentes nesse documento, a autoridade policial construiu um texto extenso e com inúmeros detalhes. Vale ressaltar que os relatórios eram baseados nos depoimentos dos espectadores e protagonistas dos crimes. Em grosso modo, o delegado construía uma síntese das principais declarações prestadas no distrito policial.

Como não poderia ser diferente, a autoridade policial iniciou mencionando a jogatina no botequim de Antônio Campos:

No Morro da Favela formou-se uma banca de jogo denominado “monte” fazendo parte dela: paisanos, praças de polícia e soldados do exército. No correr do jogo, que havia começado pela manhã e, sem solução de continuidade com, apenas, mudanças de parceiros, manteve-se animado até alta noite, houve diversas alterações entre os jogadores, tendo assumido maiores proporções a travada entre o praça de polícia Isidro José dos Santos e o paisano Elesbão Francisco⁵⁴.

Podemos constatar que o delegado sublinhou a importância desse desentendimento para a execução do crime. Inclusive, ele observou que se não fosse pela interferência dos outros participantes, essa contenda teria graves consequências no botequim de Campos.

Reflexões sobre as diferenças entre os jornais e o processo criminal

Reparamos que os depoentes deram maior importância para o desentendimento no botequim de Campos do que para o baile, ou *samba* (se levarmos em consideração os jornais da cidade do Rio), ocorrido na residência de Pedro Irineu. Isso nos evidencia que a questão envolvendo o jogo foi uma etapa fundamental para a conflagração do conflito.

⁵⁴ Arquivo Nacional. Notação: OR. 7078. Pretoria do Rio de Janeiro 8ª (Freguesia de Santana), f.71.

O delegado remeteu o inquérito policial para o juiz da 8ª Pretoria (Freguesia de Santana). Entretanto, ao que tudo indica, esse documento nunca foi apreciado pela autoridade judiciária. Não sabemos as circunstâncias e razões, mas o sumário de culpa sequer foi iniciado pelo magistrado. A última folha do processo apresenta um comunicado do escrivão da pretoria de Santana. No ofício, o funcionário do cartório acusou o recebimento do material produzido pela investigação policial. Por conseguinte, poderíamos nos questionar os motivos que impediram o prosseguimento dessa ação penal.

Assim sendo, vale a pena cogitarmos alguns fatores que poderiam ter influenciado no término abrupto desse processo criminal. Em primeiro lugar, o delegado de Santana encontrou grande dificuldade para concluir o inquérito, principalmente em virtude do desaparecimento de alguns participantes do conflito. Cerca de quatro meses após o crime, a autoridade policial redigiu o seu relatório. Porém, esse documento foi recebido pelo escrivão somente no início do ano seguinte, mais precisamente, no dia 12 de fevereiro de 1910. Dessa maneira, é possível supor que a demora na transição das etapas – inquisitorial (delegacia) para acusatorial (pretoria) – contribuiu para abandono do processo crime.

Para termos uma noção, o julgamento da ação penal era realizado, em média, entre seis meses a um ano após a data do assassinato. De um total de 97 processos consultados, 55 foram concluídos durante este lastro temporal. Isso nos evidencia que o processo que estamos analisando apresenta uma especificidade em relação aos demais⁵⁵.

Quando as ações penais se deparavam com algum obstáculo que impedia o seu pleno desenvolvimento, como, por exemplo, o desaparecimento de testemunhas e de acusados, após completar vinte anos elas eram julgadas prescritas. Em especial, nesses casos, os processos criminais apresentam um comunicado em suas últimas folhas. Por sua vez, no documento que estamos analisando não há nenhuma informação que assegure que essa ação penal foi considerada prescrita. Deste modo, não conseguimos determinar se esse processo foi desmembrado ou se ele realmente não seguiu adiante.

Além disso, não conseguimos rastrear novas referências ao crime e aos envolvidos nas páginas dos periódicos. Inclusive, em busca dos protagonistas deste homicídio, reviramos as gavetas e os fichários presentes no Arquivo Nacional. Apesar disso, mais uma vez, não logramos êxito, pois não encontramos vestígios destes indivíduos novamente.

⁵⁵ Vale ressaltar que os processos de homicídios referentes à 8ª Pretoria (Freguesia de Santana) - Arquivo Nacional, Fundo: OR - raramente cobriram todas as etapas da ação penal. Em contraposição, os processos abrigados pelo Arquivo do Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro remontam (quase) todas as etapas necessárias (Inquérito policial, Sumário de Culpa, Julgamento(s)). Somente 10% desses processos não chegaram a uma conclusão. Por conseguinte, o documento que estamos analisando diz respeito ao primeiro arquivo citado, pois a maioria dos processos não apresenta veredito final.

Seja como for, a análise do inquérito policial foi fundamental, pois ela nos permitiu cotejar o material produzido pela polícia com as reportagens dos jornais cariocas. Nesse sentido, o objetivo principal foi esquadrihar as semelhanças e diferenças entre as nossas fontes de pesquisa. Com este fito, foi necessário analisarmos como algumas testemunhas e acusados narraram a morte do soldado Isidro.

De um modo geral, versões diametralmente opostas são inerentes a qualquer processo criminal. Dessa maneira, procuramos estar atentos aos motes que perpassaram pelos testemunhos dos protagonistas e espectadores do conflito. Assim sendo, percebemos que os depoimentos coincidiram em um determinado quesito. Os envolvidos mencionaram o desentendimento no botequim de Campos. Por conseguinte, podemos concluir que esse acontecimento foi uma etapa fundamental para a conflagração do conflito que resultou no homicídio do policial no Morro da Favela. Em contraposição, identificamos uma significativa diferença no modo de representar este assassinato nas páginas dos impressos cariocas. Isso porque os jornais destacaram em suas matérias a existência de um samba na casa de Pedro Irineu. Inclusive, os jornalistas apontaram que o crime teve ensejo nesse cenário.

Entretanto, ao confrontarmos as reportagens com os depoimentos de alguns espectadores do conflito, vimos que não havia bases materiais para a proposição desse argumento. Por mais que alguns depoentes declararam ter participado de um baile na casa de Pedro Irineu, nenhum dos envolvidos afirmou que o crime foi cometido nesse ambiente. As testemunhas somente informaram que o conflito ocorreu nas imediações dessa residência. Além disso, em todo o inquérito policial não encontramos qualquer referência sobre o samba.

Nesse sentido, é importante conceituarmos esse vocábulo. Vale salientar que o samba como gênero musical, tal como hoje ele é conhecido, ainda não existia nesse período. Dessa maneira, era mais provável que os repórteres estivessem se referindo aos ritos e festividades das religiões de matrizes africanas, tais como o candomblé e a umbanda⁵⁶. Portanto, a palavra samba foi utilizada no sentido pejorativo, ou seja, para depreciar a cultura das camadas populares, sobretudo dos setores afro-brasileiros.

Isso nos evidencia que o início do século XX não foi apenas um momento marcado pelas reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro. Paralelo ao embelezamento do espaço físico se fazia necessária a modificação dos costumes e hábitos das chamadas classes

⁵⁶ Em sua tese de doutorado José Adriano Fenerick analisou as entrevistas concedidas pelos primeiros sambistas. Segundo o autor, alguns sambistas, como Donga e João da Baiana, destacaram que o samba, em seus primórdios, estava “associado a uma festa de teor religioso”. FENERICK, José Adriano. **Nem do morro, nem da cidade. As transformações do samba e a indústria cultural. 1920-1945**. Tese de Doutorado em História, USP, 2002. p.92.

perigosas⁵⁷. Dentro dessa conjuntura, o grupo dominante valorizou a cultura europeia, principalmente as novidades advindas da França. Em contrapartida, a cultura africana foi relegada por ser fortemente identificada com o período monárquico e escravista⁵⁸.

De acordo com Monica Velloso, neste período o governo exercia forte vigilância sobre as mais variadas expressões culturais das camadas populares, tais como o “candomblé, capoeira, bumba-meu-boi, romarias religiosas, maxixe, violão, serestas e os cordões carnavalescos” (VELLOSO, 1988, p.9). Estas manifestações populares eram vistas com profunda desconfiança, uma vez que elas representavam uma “ameaça aos padrões civilizatórios idealizados” (VELLOSO, 1988, p.14).

O samba estava no rol das manifestações populares indesejáveis. Em outra notícia de um crime no Morro da Favela, o repórter sublinha que sempre aos sábados e domingos havia por ali alguns “sambas e batuques” que terminavam “sempre em grosso *charivari*”⁵⁹. Nota-se que aos olhos dos repórteres, o samba era identificado com a barbárie, com a selvageria e com o primitivismo.

No alvorecer da República, a classe dominante recém-chegada ao poder investiu contra os símbolos que eram identificados ao período predecessor. Era necessária a criação de monumentos que indicassem a entrada do país na rota da civilização e do progresso. Em detrimento, as habitações coletivas e os casebres presentes nas encostas se tornaram alvos constantes das picaretas aguçadas, principalmente por estarem em desarmonia com os valores trazidos pela reforma Passos.

Os impressos não buscavam somente condenar as instalações precariamente construídas no Morro da Favela. A crítica se estendia aos seus moradores e ao seu modo de vida. Nas diferentes matérias sobre o assassinato do soldado Isidro, vimos que os jornais sublinharam a existência de um samba na noite do crime. Segundo adverte o repórter d’*O Paiz*, nessas ocasiões eram convidados os indivíduos mais valentes do morro, pois “em caso contrário, eles acabam com o samba, invadindo a casa e espancando as damas e cavalheiros”⁶⁰.

Dessa maneira, vale a pena observarmos como os impressos conceituaram esse termo. Em particular, foi possível identificarmos o significado dessa palavra em dois fragmentos

⁵⁷ De acordo com Sydney Chalhoub, “classes perigosas” seria para os legisladores brasileiros uma expressão equivalente para as “classes pobres”. Ou seja, “o fato de ser pobre torna o indivíduo automaticamente perigoso à sociedade”. CHALHOUB, **Trabalho, Lar e Botequim**. Op. Cit. p.76.

⁵⁸ Segundo Monica Pimenta Velloso, “o endeusamento do modelo civilizatório parisiense é concomitante ao desprestígio das nossas tradições”. VELLOSO, Monica Pimenta. **As tradições populares na belle époque carioca**. Rio de Janeiro: Funarte, 1988, p.8.

⁵⁹ Sanguinário. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p.2, 14 Dez. 1901.

⁶⁰ A Favela em sangue, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p.4, 05 Jul. 1909.

retirados da reportagem d'*O Paiz*. Em determinado momento da narrativa, o repórter dessa folha definiu o samba como sendo uma “verdadeira dança macabra”⁶¹. Em seguida, ao descrever o local em que se deu o assassinato do policial, o jornalista destacou que “homens, mulheres, soldados e crianças cruzavam-se numa promiscuidade entontecedora”⁶².

Vemos que esse periodista enxergava o samba como uma “dança macabra” e promíscua. Importante ressaltar que esse ponto de vista estava largamente difundido na imprensa carioca. Neste período de tentativa de reformulação dos costumes, a classe dominante perseguiu diversos tipos sociais. O historiador José Adriano Fenerick mencionou alguns arquétipos visados: “o seresteiro e instrumentos populares como violão e o pandeiro, os ‘pés descalços’ e os ‘sem camisas’, os macumbeiros, curandeiros populares” (FENERICK, 2002, p.16).

Dessa forma, podemos vislumbrar o contexto sociocultural que fomentou o discurso dos jornais que relataram o homicídio do policial. O público tinha forte predileção pela leitura das matérias de assassinatos. Logo, essas notícias se tornaram um instrumento indispensável para a propagação dos valores considerados fundamentais pela classe dominante. O tipo de abordagem empregada na descrição dos conflitos sucedidos nesse morro era uma faceta do projeto que visava reeducar o comportamento dos populares.

Por conseguinte, acreditamos que o vocábulo samba tenha sido utilizado com o fito de estigmatizar os habitantes da Favela e o cotidiano da localidade. Esse termo materializava os contrastes entre os dois mundos criados pela mente dos letrados. No início do século XX, segundo Fenerick, a palavra samba estava fortemente vinculada “ao universo negro” e “às coisas do norte” (FENERICK, 2002, p.225). Em outras palavras, esse termo abarcava tanto a cultura dos egressos do cativo quanto as práticas culturais do sertão e do mundo rural⁶³.

Vale ressaltar que o Morro da Favela era habitado principalmente pelos grupos atrelados ao significado deste vocábulo. Os impressos repetidas vezes destacaram a cor dos protagonistas do “samba da morte”. Além disso, vemos que algumas testemunhas arroladas mencionaram os fenótipos dos envolvidos no assassinato do policial. Em algumas crônicas, os escritores descreveram a Favela como um território intensamente povoado pelos ex-

⁶¹ O samba da morte. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p.3, 05 Jul.1909.

⁶² Idem.

⁶³ Esta ascendência nortista e sertaneja do samba também foi mencionada em outro noticiário criminal. Segundo o repórter do *Correio da Manhã*, “o samba é um divertimento popular, que de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, por todo o norte, o povo conhece. No interior de Pernambuco, da Paraíba do Norte e do Maranhão”. Samba de arrelia. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p.4, 30 Jun.1908.

combatentes da campanha de Canudos. Logo, podemos inferir que os indivíduos vindos do “norte” e os ex-escravos residiam em grande número nesse local⁶⁴.

Acreditamos que os jornais priorizaram dar maior destaque ao samba, uma vez que esse tema possibilitou o jornalista utilizar uma linguagem que privilegiou o mistério e o suspense. A curiosidade do público era fundamental para alavancar o número de vendas dos periódicos. Um homicídio cometido em situação banal, onde se conhecia o autor e o móvel do crime, não monopolizava a atenção da cidade. Assim sendo, os jornais deram um contorno diferenciado para o homicídio do soldado Isidro. A imprensa conferia “aos fatos criminais um juízo de valor adotado pelos jornalistas, visando sempre o interesse do público, pois o jornal é, antes de tudo, um produto a ser vendido” (FONTELES NETO, 2009, p.4).

Em síntese, o samba era um mote que atendia aos objetivos da imprensa carioca do início do século XX. Por um lado, ele proporcionava a construção de um discurso que objetivava moralizar os costumes das camadas populares, sobretudo das práticas culturais advinda do “universo negro”. Por outro lado, o samba era um objeto que incitava a leitura das reportagens, ou seja, era um tema que aguçava a curiosidade do público leitor e/ou ouvinte.

Em conclusão, neste artigo propusemos um entrecruzamento entre as nossas principais fontes de pesquisa. A análise do processo criminal nos permitiu avaliar algumas peculiaridades. Através do inquérito policial referente ao assassinato do soldado policial foi possível constatar as diferentes maneiras de representar o desenlace do conflito no Morro da Favela. Por conseguinte, percebemos que os jornais tinham forte inclinação em disseminar os valores considerados fundamentais pela sociedade carioca.

Fontes

Manuscritas

Arquivo Nacional. Notação: OR. 7078. Pretoria do Rio de Janeiro 8ª (Freguesia de Santana).

Jornais

Local de pesquisa: *site* da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

A Imprensa: (O samba da morte, p.2, 05 Jul.1909; O samba da morte, p.2, 06 Jul.1909).

A Notícia: (Uma noite da Favela, p.2, 06 Jul.1909).

⁶⁴ Infelizmente não foi possível identificarmos o lugar de nascimento das testemunhas e acusados deste homicídio. Todos os depoentes foram apenas qualificados como brasileiros.

Correio da Manhã: (Samba de arrelia, p.4, 30 Jun.1908; Os dramas da Favela, p.2, 05 Jul.1909; Os dramas da Favela, p.2, 13 Jul.1909).

Gazeta de Notícias: (“A Favela vermelha”, 05/07/1909, p.3).

Jornal do Brasil: (Sanguinário, p.2, 14 Dez.1901; Os crimes da Favela, p.1, 23 Nov.1903; A Favela em sangue, p.4, 05 Jul.1909; A Favela em sangue, p.5, 13 Jul.1909).

O Paiz: (O samba da morte, p.3, 05 Jul.1909; O samba da morte, p.4, 13 Jul.1909).

O Século: (Mais um assassinato na Favela, p.3, 05 Jul.1909; O crime da Favela, p.3, 13 Jul.1909).

Referências

BRETAS, Marcos Luiz. *A guerra das ruas. Povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional – Ministério da Justiça, 1997.

_____. *A ordem na cidade. O exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro. 1907-1930*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

FENERICK, José Adriano. *Nem do morro, nem da cidade. As transformações do samba e a indústria cultural. 1920-1945*. Tese de Doutorado em História, USP, 2002.

FONTELES NETO, Francisco Linhares. *Crimes impressos: a imprensa como fonte de pesquisa para a história social do crime*. In: XXV Simpósio Nacional de História, 2009, Fortaleza - CE. XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009.

MATTOS, Romulo Costa. *A aldeia do mal. O Morro da Favela e a construção social das favelas durante a Primeira República*. Dissertação de Mestrado em História, PPGH-UFF, 2004.

_____. *Pelos pobres! As campanhas pela construção de habitações populares e o discurso sobre as favelas na Primeira República*. Tese de Doutorado em História, PPGH-UFF, 2008.

VELLOSO, Monica Pimenta. *As tradições populares na belle époque carioca*. Rio de Janeiro: Funarte, 1988.

Recebido em: 15/05/2017

Aprovado em: 08/08/2017